

# O SAPO

Semanario litterario e humoristico

REDACTORES : DIVERSOS

ANNO II

Redacção -  
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51

Curitiba, 19 de Março de 1899

Assignaturas  
TRIMESTRE . . . . 3\$000  
Pagamento adiantado

Nr. 12



## Saudades

A Edgar Linares

Lyrrios desabrochavam ao luar  
silente da noute merencorea, per-  
fumando o *excelsior* nebuloso com  
dulcissimos effluvios narcotisantes.  
Brumas lactescentes fluíam pelo Es-  
paço, n'uma brancura immaculada  
de esponsaes... e a lua de Maio,  
algida e branca oscillava nas alturas,  
brandamente... brandamente ..

Auras do Norte perpassavam tre-  
neadas, murmurantes, por entre as  
magnoleiras enfloradas, que farfa-  
lavam, solfejando n'um sussuro  
n'uma canção nostalgica. As  
sonas dos cyprestes dilatavam-se  
preçiosamente, miscibilizando-se,  
como druidas somnolentos, enla-  
çados por abraçamentos voluptuosos.

Longe, n'algun retiro nemoroso  
de poeta ou apaixonado, tangem  
em mandolins, queixosa *serenata*.

Branca, como uma estrella da  
meia-noite, a mysteriosa Dathys,  
invocava piedosamente, n'uma prece  
angustiosa, algum sonho de virgem,  
algum ideal de noiva soffredora. O  
seu olhar... muito mais meigo que o  
olhar magoado da *Stella d'Alva*,  
erguia-se... erguia-se... demorada-  
mente n'uma beatitude magna de  
misera torturada; a sua voz... um  
queixume angustioso, um lamento  
prolongado, myxto de dor e de ironia.

Como eu sentia-me feliz, em tel-a  
sorpheendido assim, n'essa confi-  
dencia terna com as estrellas silen-  
ciosas e as açucenas desmaiadas!

Si ella soubesse!... Si ella sou-  
besse!...

Os seus cabellos louros, immensa-  
mente louros, ondulavam suave-  
mente por sobre a brancura das  
vestes, como pallidos reflexos de  
ouro sobre um campo de gelo.

E vagamente, como que sugges-  
tionada: — Não sei porquê, mas  
sinto ainda nas pupillas dos meus  
olhos, o fogo dos olhares d'elle. Se!  
pobresinha de minh'alma, vive eter-  
namente chorando uma *esperança*  
*perdida* nos abrolhos do Impossí-  
vel... pobresinha de minh'alma!

Sempre, quando ouço os mando-  
lins tangerem, soluçantes serenatas...  
como agora, sinto o grande  
tedio dos vencidos avassalar-me a  
alma, frio como um cadaver negro  
como um tumulto. Então tenho sau-  
dades; e clamo exasperadamente a  
ultima illusão que desfolhou-se...  
como uma *saudade*, petala por pe-  
tala.

Se! Pobre de minh'alma, pobre  
de minh'alma... — E suas mãos de  
neve punham-se a tremer, como  
uma petala de magnolia soprada  
pelo Zephiro.

— Esperança! Esperança! dizia-  
me elle n'um transporte delirante  
ne parocysmo angustioso... balsamo  
enganador, que não suavisa dores  
como a minha. Se! de minh'alma...  
ai de minh'alma.

Longe, n'algun retiro nemoroso  
de poeta ou apaixonado, tangem uns  
mandolins, queixosa *serenata*.

Branca, como uma estrella da  
meia-noite, a mysteriosa Dathys,  
desapparecia por atravez a sombra  
do arvoredo, clamando exasperada-  
mente: — Esperança!... Esperança!  
... Se de minh'alma! —

1899.

VIRGOLINO BRASIL.



## Os amores do Lourenço

Infiltrou-se na pelle do Lourenço,  
Solteirão já coberto de botôr,  
Lascando raios como um sol intenso,  
O microbio do amor.

Meu Deus, como pulsava acelerado  
N'aquelle peito o coração vencido!  
Pudera! se elle nunca foi soldado  
Do tyranno Cupido!

Um cego, um pobre cego de nascença  
Que visse de repente a natureza,  
Não acharia tanta differença  
N'essa extranha surpresa!

«Por fim de contas, meu rapaz — dizia  
O Lourenço, a correr d'aqui p'ra allí —  
Por fim de contas tu achiste um dia  
Assim nunca te vi!»

E, como é proprio sempre de quem ama  
Vestir-se bem, e andar de flor no peito,  
O meu heroe appareceu no drama  
Como um dandy perfeito.

Porém, para o seu goso ser completo,  
Faltava-lhe uma flor que poucos têm:  
Era ser recebido sob o tecto  
Que abrigava o seu bem.

«Pois heide olhal-a só de longe? Nunca!  
Quero ver na primeira occasião  
Se a bella tem nariz de fôrma adunca,  
Chato, afilado ou não!»

Cumpre dizer aqui; era distante  
A casa d'um da d'outro; e o pobre par  
Só de janella, com ardor constante,  
Podia namorar.

Mas... qual! nenhum amigo lhe apparece  
Para o levar a casa do barão.  
E em balde invoca, em fervorosa prece,  
Uma apresentação!

«O unico meio — disse o desgraçado —  
E' confessar por carta o meu amor,  
Pedindo a um tempo, em bello arrazoado,  
A mão d'aquella flor!»

Dito e feito. Depois de muita lucta,  
De signaes que elle dava da janella,  
A carta conseguiu, a carta astuta,  
Ir parar as mãos d'ella.

N'outro dia, ligeiro como o vento,  
Nas ruas começava a se espalhar  
Que o Lourenço pedira em casamento  
A creada d'um alto titular!

GARRONE.

## PEROLAS (23)

### A oração de um sabio

Newton, o sabio da historia admirado, n'uma scena estreita, um prodigio viu immenso: na queda d'um corpo a lei do mundo extenso e a gravitação assim descobriu extasiado.

Um dia, na margem do oceano, alli parado, com olhar calmo e sereno, mas intenso, do mar as vagas o perscrutar propenso, por amigos, em silencio, foi encontrado:

Ao descobrir-se, lhe perguntam os seus: a quem saudais vos aqui, neste momento? Respondeu-lhes: «á immensidade de Deus!»

Tão terna foi aquella contemplação, do sabio Newton, aqui o seu pensamento, a bella forma tomou de uma oração.

CONSTANTE COELHO



### Credo politico

Creio nas eleições, que constituem uma divindade toda poderosa, creadora de logros e dependencias.

Creio no interessê, um só seu filho nossa perdição, a qual foi concebida pela falta de patriotismo, nasceu da pouca vergonha e augmentou-se com o indifferentismo dos que têm que perder.

Creio em nosso progressivo atrazamento que, preparado por meio de leis prejudiciaes, desceu ao inferno e subiu cheio de vitalidade a tomar assento á direita dos sanguessugas da patria, de onde ha de vir a prejudicar ou antes aniquilar inteiramente nossa honra e fazenda.

Creio no augmento de tributos para arrumação de afilhados, na illusão que nutre o innocente povo, na communição dos larapios, na repartição do dinheiro dos cofres publicos, na ressurreição do crime e na desgraça eterna. Amen.



### Photo-Jumelle

19

Aspecto—Engenheiro Belga.

Profissão—Namorar a humanidade...

Divisa—Tudo pela vida.

LEOPOLDINO

### Tiro ao alvo...

Não sei porque...mas na quaresma tento rimar e não consigo nem á páu... Culpado não será o enfastiento bacalhão?...

Eu supponho que sim... provavelmente a minha *musa* odeia—o loucamente.

Ora bolas quaresma! Sou forçado a escrever em prosa... Um poeta como eu já sublimado cahir desta maneira vergonhosa!...

Mas que fazer? Chorar amargamente? Fazer espalhafato? Isso não...um proverbio teaho em mente: «Quem não tem cachorro caça com o gato.» Já que fallei na quaresma seja ella o assumpto desta vez...

—Antigamente uma velha magricela casada com um parato portuguez me pegava no collo e me dizia com singular carinho: «nunca com «mettas filho uma heresia, nunca «te affastes d'este bom caminho. «Segue filhinho todos os preceitos «da nossa santa igreja, que assim «fazem os corações afeitos ao bem «e de ninguem tenhas inveja. Se tu «comeres carne na quaresma irás «para o inferno e serás logo trans- «formado em lesma e abominado «pelo Deus Eterno. Deus castiga «sem dó, severamente, aquelle que «disser um nome feio p'ra offender «sómente ao papae, a mãe ou a «qualquer. Quando homem tu fo- «res meu querido não danças que é «peccado... Quem dansa na quares- «ma é atrevido e pôde ser em Demo «transformado.»

Ora, eu creança em tudo acreditava o que é mui natural e minha avó em casa me contava que tudo era real. Fui me creando assim nesse costume...com medo de ser lesma eu já subi, da devoção, o cume e respeito de mais D. Quaresma. Não digo nomes feios a ninguem; não danso nem a páu e não fumo tambem e se como é só o triste bacalhão. Quando vejo um sujeito blasphemando fico muito zangado e bem ligeiro então vou me raspando de perto do damnado. Muita gente dirá que sou carola; que é muita devoção...mas eu que fui creado nesta escola, não a despreso não.

Vou findar esta *prosa* meus leitores...sem *musa* nada sou! E vós mui bem sabeis caros senhores que ella fugio, fugio, que ella azulou!...

PLUTÃO.

### Madrigal

—Não te assustes... espera.  
E minha amada tremia.

—Vê bem... vê bem! Implorava,  
quasi a chorar, tremula e palida.

E eu a procurar, nos seus cabellos abundantes, a scentelha que se havia desprendido da estrella cadente que passára, em vôo, no espaço, acima das nossas cabeças unidas, quando passeavamos juntos pelas estreitas e perfumadas ruas de jardim florido.

—Vê bem...

E o coração de minha amada, feito para estremecer de amor e não de susto, pulsava precipitado.

Ah! porque lhe tocam dizer tamanha mentira, uma scentelha da estrella! Todos cercavam-n'a carinhosamente.

De repente quem, junto a mim, alguém que, desfazendo a cabelleira farta, procurava commigo a scentelha ciderea, riu e riram todos e minha amada, sem saber porque, desatou a rir tambem.

Mostrei-lhe a scentelha temida, um pyrilampo, amor! um inoffensivo pyrilampo! E' o insecto que, na noite, procurou a tréva e achou a dos teus cabellos... que melhor?

A culpa é tua unicamente tua — trazes a noite contigo e os pyrilampos innocentes podem lá saber que essa tréva é a tua cabelleira?

Deixa o pobresinho, para que illumine os cabellos... noit'a susse astros e dos vagalhões... e pebeijos, murmurei baixinho.

COELHO NETTO



### Le mot de la fin

Eu quizera pintar-lhe isto, que sinto Desde a saudosa data d'esse ardente E duplo olhar que, simultaneamente Prendeu-me como ao encantado sinto.

Porém, não sei que extranho labyrintho Se me apresenta inopinadamente. Que, mais a idéa é clara e vehemente, Mala scenreia a expressão, e eu minto... e minto.

Até não poder mais. Então exausto, De, em vão pedir—ao insolente fausto Das imagens—o brilho extraordinario.

Colho nas minhas suas mãos de neve E, no verbo dos verbos—claro e breve, Digo o que falta em todo um dictionario!

Março de 99.

MARTINHO CHAVES

## SONETOS (13)

## Confiteor

Eu amo uns olhos, verdadeiro encanto,  
São duas estrellas que espadanam luz,  
Olhos capazes de tentar um santo,  
Capazes mesmo de perder Jesus.

Olhos que valem d'um poema o canto,  
Q'as creanças matam, que destroem a cruz,  
Olhos que brilham, que reluzem tanto,  
Como Arcturo nas regiões azues.

Olhos que pedem sanctuarios d'ouro,  
Que valem mais do que qualquer thezoiro,  
Onde a riqueza transparece a flux.

Olhos que pensam, que têm tino e sizo,  
Olhos alegres como um parafuso,  
Olhos capazes de perder Jesus.

HERMETO LIMA

## Harpas

Ha alguns dias se me não falha a  
memoria: eu disse que não sei fazer  
versos, nem mesmo tenho, sequer,  
o mais lisongeiro pendor para a  
cousa.

E a verdade? Não julguem, toda-  
via, que eu seja tão duro que não  
sinta o entusiasmo que a poesia,  
quando é vivace e pathetica, sóe  
produzir em todo aquelle que tenha  
razão e alma, que em impressiona-  
vel! É esse o que não quer  
fôr. E este eu deixo a toca a scent-  
a mais santa da harmonia.

Para a prova de que não sou  
insensível ás bellezas metricas, abro  
espaço, hoje, nesta secção a um  
soneto que me foi enviado por um  
rapaz que se dedica a esse difficil e  
escabroso genero de poesia.

Não direi o seu nome; elle deseja  
guardar o incognito.

DIVA

A. J. Moraes

Para formar-te, ó flor mais bella e pura  
Do que o lyrio que medra no vallado!  
Deus esmerou-se e fez-te da candura  
Das estrellas do céu immaculado.

Tirou da noite a horrída negrura  
Uma parte subtil e tem formado  
Os teus olhos vivaces... A' alva pura  
Pedio p'ra tua face o tom rosado.

Tua plastica é rara e peregrina...  
E teus labios, que exhalam fina essencia,  
Lembram uma alvorada purpurina.

Anjo! Na ingenuidade e na innocencia,  
De que veste do céu... de que és divina,  
Tens um vestigio, uma reminiscencia!

EPAMINONDAS

Club dos  
Constantes

A casa do Raniel, — quem não sabe  
que falamos do poetaastro? — a casa  
do Raniel esta reduzida, ou elevada  
a um moderno areopago.

Não ha tarde em que para ali não  
convirja uma troça de sujeitos pun-  
gibarbas. Que vão fazer lá? Isso é  
o que não sabemos.

O que sabemos é que sempre os  
vemos, olhos fitos no braço de ouro  
pendente da fachada vidalesca, co-  
mo uns neotericos adoradores do  
bezerro de ouro...

Mas o que elles adoram não é o  
braço, é outra cousa.

No coração de cada um delles ha  
um altar, e em todos os altares a  
mesma santa, o mesmo idolo.

E como não brigam? Lá isso não  
sabemos.

Com que entãc a casa raniellesca  
o ponto estrategico, onde os feli-  
zardos vão dar uma sorte unica? E  
todos elles serão correspondidos?

That is the question...

Sejam constantes; que a sua  
constancia seja illimitada, e os dia-  
bols podem ser todos felizes.

O que é impossivel neste mundo?  
O Olmedo Netto prevê para logo o  
expungir do vocabulario essa deses-  
peradora palavra — IMPOSSIVEL...

Sejam constantes.

BENJAMINUS



## Diario de bordo

5 de maio de 18...

Viajo para Barcelona. Que bello  
tempo! Céu todo azul, pleno sol,  
mar arrepiado pela viração — ondas  
pequeninas de espumas alvas. Como  
é bom estar a gente assim, de pé,  
cabeça ao ar, aqui do alto, a vêr a  
agua que a prôa corta, a vêr a cauda  
branca, muito branca, que a popa  
deixa.

Delicioso paquete, este, com as  
suas quinze milhas por hora!

O commandante, um velho mari-  
nheiro sympathico, grandes olhos  
bondosos e energicos, barba ingleza  
manchada de cabellos brancos, é da  
mais alta correcção na *toilette* e da  
maior distincção nas maneiras. To-  
dos a bordo estão encantados por  
elle. Palestra admiravelmente com  
os homens, trata as senhoras como  
um *gentleman*, beija amorosamente  
as creanças.

Passamos as noites divertidíssim-  
os. Faz-se musica. Senhoras can-  
tam ao piano, acompanhadas pelo  
maestro Canovas — um fino artista,  
cubano de nascimento e festejadis-  
simo em Madrid. Joga-se pouco. Pa-  
lestra-se muito e ha entre os passa-  
geiros dois esplendidos *causeurs*: o  
jornalista Velasquez e o Barão de  
Cypriani, rico fidalgo solteirão que,  
pela vigesima vez, anda a correr a  
Europa a matar o tedio.

Vem a bordo uma mulher encan-  
tadora, uma senhora hespanhola que  
está a viajar sósinha, ao que parece  
muito recommendada ao comman-  
dante. E' casada naturalmente e o  
marido espera-a em Barcelona.

6 de maio.

O Barão conhece-a. Não é casada  
— é viuva. O marido fôr a negociante  
na America. Vai agora morar com  
uma velha tia millionaria em Barce-  
lona. Chama-se Consuelo.

6 de maio, á tarde.

Que olhos, santo Deus!  
E que salero!

6 de maio, á noite.

O Barão apresentou-me a Con-  
suelo. Conversámos muito os tres;  
ficámos sós depois: — o Barão tinha  
os companheiros de *lasquet* á sua  
espera.

E' deliciosa, é extraordinaria, é  
incomparavel esta viuvinha!

Sabe Espronceda de cor, adora  
Campoamor, conhece alguns livros  
francezes e — ó prodigio das damas  
de hoje! — não gosta absolutamente  
de Ohnet.

Quando sorri, que bocca! Quando  
olha, que meiguice!

Decididamente o tal negociante  
da America foi um grande poeta em  
morrer.

7 de maio.

Tivemos hoje *soirée litteraria*.  
Disse uns versos meus, feitos no  
Brasil.

A' hora da «boa noite» Consuelo  
apertou-me a mão longamente e  
pediu-me que lhe escrevesse uns  
versos no seu album.

8 de maio.

A's mil maravilhas!  
O diabo é que o namoro está a  
dar na vista. O commandante perce-  
beu a cousa e observa-nos insisten-  
tamente.

8, á tarde.

O immediato olhou-nos severamente quando nos iamós sentar á mesa do *lunch*. Um dos officiaes sorriu.

Ah patifes! Mas o melhor é não dar por achado. \*

9, á noite.

Eu e Consuelo disfarçamos admiravelmente. Esta hespanhola representa melhor do que as dos theatros de Madrid!

Durante todo o jantar estive de namoro cerrado com a filha de um perfumista, uma rapariguinha magra e feia, muito palradora, sentada á minha frente.

Este estratagemma deve dar bom resultado. \*

8, ás 9 da noite.

Estamos sob olhares impertinentes de todos os passageiros. De cada lado um risinho disfarçado, uma phrase cortada subitamente, um dedo apontando...

O Barão recommendou-me mais cuidado. E depois, batendo-me no hombro, piscando um olho:

—E' um mulherão!

9, á 1 da madrugada.

Um official de bordo passeia em frente a meu camarote.

Bandido!

10, á noite.

Até que emfim!  
Entrei em Barcelona.

GASTÃO BOUSQUET.



## Vaga de um carraseo

Está vago o lugar de carraseo de Madrid, diz uma folha hespanhola, e parece que para certos caracteres e certos individuos o lugar é appetitoso.

A mesma folha accrescenta á noticia da vaga que apresentaram-se com os seus requerimentos ao ministro de justiça 257 candidatos.

Na lista figuram 83 profesoress, quatro advogados e... um padre!

Que vontade de ser o vingador da lei e da sociedade!

## A' genti Gracita

Menina ditosa,  
Ditosa Gracita,  
Que noite formosa,  
Que noite bonita.

Só duas estrellas,  
Só duas ó flôr.  
Que lindas, que bellas,  
Que mago fulgor!

Que céo primoroso.  
Que céo de encantar  
Anjinho mimoso  
Estou a fitar!

Eu fito com gosto  
Um céo tão pomposo...  
O céo é teu rosto,  
Teu rosto formoso.

Teus olhos—creança,  
As lindas estrellas  
Da cor da esperança,  
Que bellas, que bellas!

Que noite formosa,  
Que noite bonita,  
Menina ditosa,  
Ditosa Gracita.

Um mascarado.



## Visitas

O *Ideal* — Maranhão — Organ litterario e estudantal, 2º anno.

O *Juvenil* — Maranhão (Pico), litterario, critico e noticioso, pequeno formato, 1º anno.

A *Ceciliania* — Revista bi-mensal, que se publica em S. Paulo, sob a redacção dos srs. Julio Prestes, Francisco Moreira e Djalma Azevedo.

Esta bem impressa e sympathica revista, já caminha activa em o seu 3º anno de util existencia; o n. que temos a vista é o 48, trazendo no portico o retrato do jovem e esperançoso Mario Ortiz, muito nosso conhecido atravez de suas bellas producções poeticas.

A *Aurora* — Macahé (Rio), organ da sociedade «Nova Aurora».

O *Districto* — Estação de Anta (Rio), organ do povo, noticioso e commercial.

O *Artista* — Jornal de grande formato; com 37 annos de lutas; estrellada de primeira grandeza na imprensa diaria Rio-Grandense.

A *Meridional* — Revista Internacional, n. 1º, anno I, sob a direcção de Elycio de Carvalho. N.º numero estampa os seguintes tratos:

Cruz e Souza, Stephane Mallé Decio Villares e Puvís Chavannes.

Tivemos a grande satisfação de deleitar-nos no trabalho — A Estatua de Helme — producção de Rocha Pombo, o mais sublimado dos representantes das lettras Paranaenses.

Deparamos com alguma coisa do Sr. Felix Pacheco, a respeito do livro *Signos* do nosso patricio Nestor Victor.

O Felix, principia acreditando um Semi-Deus, e termina com injuria transformando o seu auctor do *Signos* em um *agaloado*. (Felix! Certo que a sua *comedia hedionda* com *altas preções* a critica, vem desfazer impressão produzida pela *olrada*.)

Ora... ora...

Permutaremos.

## FOLHINA

Na praça Ti

O Tabellião, reconheceu a signatura de uma senhora.

engano escrevera

avessas, escreveu

—Reconheço a

feita na minha praça

para o ar.

No Restaurant Borsenha

Questão grammatical e culinaria

THALES GASPARET

GASPARET

Durante uma ceia volante:

—Gosto muito de sandwiches, mas não sei a que genero pertencem.

Ora essa! Ao genero alimenticio.

Não é isso. O que não sei é se devo pedir no buffet um sandwich, dois sandwiches ou uma sandwich, duas sandwiches.

—Pois façe como eu, que nunca peço menos de tres.

S A P O  
A M A R  
P A P A  
O R A R